

A arquitectura dos mármore nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo

Carlos Filipe* | João Pires Lopes**

Nota prévia

Na continuação dos anteriores artigos dedicados à “arquitectura dos mármore” nos Conventos Paulistas, vamos, no presente texto, virar as nossas atenções à presença dos eremitas religiosos de S. Paulo da Serra D’Ossa na cidade de Elvas, com a sua história desde o século XV, passando pelo progresso da comunidade nos séculos seguintes até ao encerramento da sua casa ocorrida em 1834, na sequência da lei de extinção das Ordens Religiosas.

Daremos particular descrição sobre a sua última casa, construção iniciada no último quartel do século XVII e que foi aumentada durante as décadas seguintes, com evocação de Nossa Senhora dos Remédios.

Para este trabalho contribuíram os estudos de Fernando Correia Pina, com a transcrição de alguns documentos, e do artigo de Nuno Grancho, que mais à frente faremos nota. São poucos os estudos ou referências sobre a comunidade paulista de Elvas, não tendo sido possível identificar inventários publicados ou monografias dedicadas a esta importante Ordem, que estivera presente ao longo de cinco séculos na região e cidade de Elvas.

1. Origem dos eremitas de São Paulo da Serra d’Ossa na região de Elvas

Nos artigos publicados anteriormente abordámos a temática das comunidades dos “pobres da pobre vida” como um fenómeno associado à Serra D’Ossa. Como verificamos, é neste espaço geográfico que tem a sua génese o movimento eremítico medieval no Alentejo. Contudo, dispersadas pelo território transtagano, vão surgindo pequenas comunidades de eremitas ligados espiritualmente à vivência

* ARTIS – IHA – FLUL | CECHAP.

** CECHAP.

religiosa da Serra D'Ossa. No primeiro artigo publicado sobre esta temática, explicamos que, no actual concelho de Vila Viçosa, existiam, nos séculos XIV e XV, os eremitérios de São Pedro de Bencatel (1395), o eremitério do Ameal do Gorjão (1409) e o eremitério de Valbom (1416). No concelho de Borba o eremitério de Montes Claros (1441). Em Estremoz o eremitério da Espadaneira (1433) e o eremitério da Amieira (1428). Todos estes locais estavam espiritualmente ligados à Serra D'Ossa o que permite entender uma dinâmica de disseminação deste ideal religioso junto das vilas em crescimento.

Os dados documentais que nos chegaram mostram-nos que estes eremitérios eram criados por um ou dois indivíduos aos quais se juntava uma pequena comunidade de seguidores. Durante o século XV, assistimos à aglutinação de alguns eremitérios que se pode justificar por uma tentativa de se alargar as comunidades de religiosos. Assim, em 1441 o eremitério de São Pedro de Bencatel junta-se ao de Montes Claros; em 1425 o eremitério do Ameal do Gorjão junta-se com a Provença de Viana do Alentejo, extinguindo-se esta em 1450, anexa-se ao eremitério de Valbom; em 1440 o eremitério de Amieira é incorporado no convento da Serra D'Ossa; durante o século XVI sabemos que o eremitério da Espadaneira é extinto e aglutinado com o de Elvas, na Herdade da Provença. Este último eremitério é conhecido desde pelo menos o ano 1418, com o nome de “Provença de Rio Torto”¹. As crónicas do convento de São Paulo de Elvas contam que já antes de 1400 viviam os nossos heremitas com o titulo de pobres da pobre vida no termo da cidade de Elvas, tendo ainda o titulo de villa, em o sitio do Rio Torto, no lugar a que chamam a Provença de Rio Torto². Esta propriedade teria sido doada, no ano de 1418, por Lourenço Eanes Reguengo e sua esposa Margarida Domingues, aos eremitas João Lopes e Lourenço Mateus³. É neste mesmo ano, que se pode considerar a génese oficial do convento de São Paulo de Elvas. Continua a crónica: *Neste sítio fundarão convento com o titulo de Nossa Senhora dos Remedios, e nelle viverão com exemplarissima vida até ao anno de 1593, em que conseguirão licença de El Rey, D. Phelipe 2.º, para fundarem novo convento mais perto da cidade*⁴.

2. A localização das casas dos paulistas em Elvas

A localização das casas dos paulistas, em Elvas, foi mutável ao longo dos séculos. Como referido no ponto anterior, pelo menos desde o início do século XV que existiam eremitas no termo da então vila de Elvas, na herdade da Provença de Rio Torto. Em 1593, receberam licença do rei, para se mudarem para mais perto da cidade, junto à ermida de São Sebastião. Justificam os eremitas esta mudança pelo

¹ Nuno Cruz Grancho. «O convento de Nossa Senhora dos Remédios, da Ordem de S. Paulo em Elvas: diálogos fragmentados». Elvas-Caia. Revista internacional de Cultura e Ciência, 2009, p. 62.

² Arquivo Distrital de Portalegre. *Promptuario das Capelas e fazendas do Convento de N. Sr.ª dos Remédios da Ordem de S. Paulo da Cidade de Elvas*, 1792, fl. 2.

³ *Ibidem*.

⁴ *Idem*, fl. 2v.

facto de ser o *sobredito sitio* [Provença de Rio Torto] *muito doentio, e como viviaio de esmolos lhe servia de grande inconveniente no Inverno as ribeiras para virem pedir à cidade*⁵. Nesta mudança, também lhes é doada, pela Câmara de Elvas, uma porção de terra, pois *pelo sitio ser muito apertado deu a Camera para a nova fundação huma manga de terra junto ao ribeiro do Canção e huma estrada*⁶ em troca de os eremitas instituírem, gratuitamente, uma escola de latim para os jovens elvenses. Contudo, nesse mesmo ano de 1593, os eremitas fazem novo pedido para mudarem de lugar, pelas razões apresentadas numa petição:

*E estando já assim vivendo no ditto sitio se achou haverem grandes inconvenientes de viverem no ditto lugar por ficar junto ao poço de que bebe toda a cidade e onde vão mulheres impudicas buscar agua, e assim há hum ribeiro junto da horta, onde vão lavar muytas mulheres que uzão de deshonestidades e cousas indecentes, o que cauza desconsolação aos Padres e inquietação aos Estudantes para fazerem o que não devem*⁷.

Justificam-se ainda com o seguinte: *e fica longe da cidade para os Estudantes hirem la duas vezes cada dia, mormente em tempo de calmas e de chuvas*⁸. Estas duas razões apresentadas na petição ao rei, culminam no pedido de se mudarem para junto da *ermida de São Pedro, que esta fora dos muros e perto deles*⁹. Como verificamos são razões do foro moral e do foro prático. Esta aproximação do eremitério ao núcleo urbano é contemporânea da transferência do eremitério de Valbom, para o Rossio de Vila Viçosa, sob o patrocínio dos Duques de Bragança, mostrando que no século XVI, a dinâmica da Ordem de São Paulo estava em mutação, abandonando o espaço rural, e aproximando-se do espaço urbano e citadino, onde poderiam mais facilmente estar em contacto com as populações e receber mais rendimentos por isso, ao mesmo tempo que se assumiam como uma ordem dedicada à *doutrina, pregação e confição*¹⁰, para proveito das populações. Pelo alvará do rei Filipe II, em agosto de 1598, ficamos a saber que os eremitas começaram a construir o mosteiro junto da ermida de São Sebastião, tendo abandonado a obra para se fixarem, com autorização da Câmara de Elvas, no *sitio e hermita de São Pedro, junto dos muros*¹¹. Para que se fizesse esta mudança de local, os eremitas trocaram com a Câmara *as cazas que nelle estão feitas* [sítio de São Sebastião] com um *pedaço do rocio que mais conveniente parecer junto da ditta hermita de São Pedro para a cerca que se houver de fazer no ditto mosteiro*¹². O rei Filipe II manda ainda que a Câmara de Elvas dê aos eremitas *cem cruzados em dinheiro*

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Idem*, fl. 3v.

⁷ *Idem*, fl. 4.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Idem*, 4v.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Idem*, fl. 5.

*pagos em dous annos para as obras do ditto mosteiro que houverem de fazer tudo à custa de rendas do Concelho da dita cidade*¹³. Em 1608, compraram, aos Padres de São Domingos, uma horta e outros pedaços de terra que lhe permitiu aumentar e constituir um *magnífico convento no rocio da Porta da Esquina extra-muros*¹⁴. Contudo, em 1658, durante a Guerra da Restauração, e porque o convento competia com as fortificações e necessidades de defesa táctica da cidade *resolveram em Concelho de Guerra os Governadores das Armas se arrasasse o Convento para melhorar a defeza da praça*¹⁵, o que aconteceu por ordem direta de Dom Sancho Manuel, governador da Praça de Elvas. Com a demolição do convento, entregou-se aos eremitas a ermida da Madalena, para rezarem os ofícios divinos, e para sua habitação se alugaram casas na cidade às custas do erário régio. A situação precária da comunidade religiosa começou a fazer-se sentir, conforme se diz nas crónicas: *Com grande incomodo passavam os religiosos por não viverem com a clausura monástica e observância regular que desejavão*¹⁶. Assim, em 1677, receberam licença do Príncipe Dom Pedro, regente de D. Afonso VI, para fundarem um novo convento *a Porta da Esquina intramuros da cidade*¹⁷. Para isso, concedeu-se-lhes o sítio das barcas conforme se descreve: *lhe fizesse mercê conceder-lhes faculdade para poderem edificar hum convento na cidade de Elvas no sitio que occupão humas alpendroadas em que estão recolhidas as barcas que servião de ponte ao exercito no tempo da guerra*¹⁸. Esta doação foi feita com a condição dos eremitas mudarem as barcas e construírem um abrigo para as mesmas junto à muralha do *trem principal*¹⁹. Para fundarem a nova casa, precisavam também de mais espaço, porque o que ocupava a alpendorada das barcas era reduzido, para isso a Câmara, em reunião de vereação de 13 de março de 1678, concedeu-lhes um terreno entre a alpendorada das barcas e a cisterna da cidade, com a obrigação de a comunidade participar *com cruz nas procissoens publicas da cidade, em que assistir o Corpo da Camera e obrigação de administrar os sacramentos*²⁰. Foi neste lugar que se construiu a última casa dos religiosos de São Paulo em Elvas, e que durou até à extinção das Ordens religiosas em 1834.

3. A derradeira casa seiscentista de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas

Como se descreveu atrás, a comunidade recebeu a doação de um terreno pela Câmara de Elvas, em 1678, localizado na parte superior da cidade, num lugar de maior salubridade, no lado de dentro da Porta da Esquina, resguardado de investi-

¹³ *Idem*, fl. 5v.

¹⁴ *Idem*, fl. 6.

¹⁵ *Idem*, fl. 26.

¹⁶ *Idem*, fl. 33.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Idem*, fl. 33v.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Idem*, fl. 35.

A arquitectura dos mármore nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo

das bélicas e ainda, pela proximidade do aqueduto, com uma maior disponibilidade no abastecimento de água. Contaram os religiosos com o apoio do príncipe regente D. Pedro II, sendo-lhes concedida autorização para erigirem a sua casa, aos quais foi atribuído, em forma de apoio, um montante de mil cruzados, durante um período de dez anos. Em 1682, o mesmo monarca havia de somar uma nova quantia de oito mil cruzados, na sequência da petição apresentada pelos religiosos, contribuindo, dessa forma, para a intensificação da construção de um grande dormitório que ficaria concluído passados cinco anos: *«hum grande Dormitório, e arranques de outro mais pequeno, Refeitorio, cozinha, Portaria, algumas oficinas, e a Igreja sem choro quasi the os arranques das abóbodas»*²¹.

Em março de 1678, a congregação tomou posse do terreno que lhe fora doado e iniciou a construção da quarta e última casa dos paulistas na cidade de Elvas, com o título de Nossa Senhora dos Remédios. A primeira pedra foi lançada solenemente pelo Bispo de Elvas, D. Alexandre da Silva, a 28 de outubro de 1679²². Em 1711, foi adjudicada a conclusão da igreja aos alvanéus Tomé da Silva e João Fernandes, que só viria a ser dada por concluída em 1721²³.

Nuno Grancho revela alguns dados, muito interessantes, sobre nomes ligados à construção do convento. No alvará de 1675, D. Pedro II, nomeia como administrador das obras, Francisco Torres, nomeia também João Furtado de Mendonça, como superintendente das mesmas, como vedor-geral e capitão-geral da Artilharia da Província do Alentejo, respetivamente. Estamos de facto perante homens militares da confiança do reinante. A obra viria a ser entregue a empreiteiros qualificados e reconhecidos na região: *«a obra da fundação do convento pela repartição da Artilharia, pela qual se pagava a consignação dos Mil cruzados cada anno a Pedro Vaz e a João Ortiz»*²⁴.

Como atrás se referiu, a obra de edificação do convento foi demorada. Uma das razões foi o pouco empenho dos governos da comunidade paulista, para reclamar da coroa o apoio financeiro necessário para a conclusão das obras. Tal correspondência mecenática só viria a ocorrer já no reinado de D. João V: *«por muitos annos com grande discomodo dos Religiozos [...] por incúria dos Prelados, que não cuidarão mais em requerer, e pedir humildemente não só ao Sereníssimo Rey D.*

²¹ Arquivo Distrital de Portalegre. CVSPSELV/005, cx. 04, fls. 1-2. Cf. Nuno Cruz Grancho. «O convento de Nossa Senhora dos Remédios, da Ordem de S. Paulo em Elvas: diálogos fragmentados». *Elvas-Caia. Revista internacional de Cultura e Ciência*, 2009, p. 64.

²² Jorge Henrique Pais da Silva. *História Comparada da Arte (Cronologia)*. Lisboa: Colibri, 2004, p. 132. Segundo o autor no ano de 1679, quando é lançada a primeira pedra do Convento de S. Paulo de Elvas, inicia-se a construção da igreja de S. Tiago dos Jesuítas, hoje com a evocação de S. Salvador.

²³ Fernando Correia Pina. «O Convento de São Paulo de Elvas. Breve noticia histórica». *Callipole – Revista de Cultura* n.º 2. Vila Viçosa: Câmara Municipal, 1994, pp. 51-54.

²⁴ Arquivo Distrital de Portalegre. CVSPSELV, cx. 11 / Tombo n.º 23, fls. 47-48. Cf. Nuno Cruz Grancho, *idem*, p. 65.

Pedro 2.º, mas também, e principalmente, ao nosso Serenissimo Monarcha o Sr.º Rey D. João 5.º»²⁵.

Foi no século XVIII, que a comunidade acabou por receber a totalidade das doações, reclamadas à coroa, num montante total de vinte e oito mil cruzados, valor pelo qual se intensificou a conclusão das empreitadas da sua casa. É de notar, que o apoio financeiro dos reinantes D. Pedro II e do seu filho D. João V, se deveu ao compromisso de D. Afonso VI, após o desmantelamento da anterior casa, localizada extramuros, justificada pela necessidade do ordenamento do terreno seguindo as orientações definidas na estratégica-militar, no decorrer do cerco que se verificou na cidade pelo exército castelhano em 1658. Na sequência desse facto a comunidade paulista, reclamou, junto do regente do reino, e decorrente da avaliação do convento demolido, o acordado para se voltar a erigir uma nova casa destinada aos religiosos do Convento de Nossa Senhora dos Remédios²⁶. [Fig. 01]

– A Ordem de S. Paulo na última etapa da sua presença em Elvas

No decorrer do reinado de D. João V, promoveram-se algumas campanhas de obras, envolvendo a encomenda de mármore. Não foi possível determinar a sequência das campanhas de obras no largo período ocorrido, por falta de documentação. Conhecido é o contrato celebrado, em 1711, com os mestres *alvaneus* Tomé da Silva e João Fernandes, para a continuação das obras no espaço da igreja. Um outro contrato foi celebrado com o mestre-de-obras de alvenaria Tomé da Silva com obrigação de: «*o dito Tomé da Silva para efeito do mesmo acabar a igreja do dito convento de empreitada em preço de um conto duzentos e oitenta mil réis e os materiais todos que se acham naquele convento dedicados para a dita obra sem se lhe descontarem com obrigação de que o dito mestre empreiteiro a dará a dita obra digo a dará acabada até fim de dezembro deste presente ano de setecentos e vinte e um*», em 25 de março de 1721²⁷.

O mestre-de-obras Tomé da Silva, que esteve bastante ativo na cidade de Elvas, era reconhecido pela sua capacidade de assegurar o bom cumprimento em várias encomendas contratuais com as comunidades religiosas e pelo estatuto que ocupava advindo da sua ligação à câmara da cidade. Foi possível até ao momento, identificar e reunir alguma documentação para um período entre 1715 e 1746²⁸,

²⁵ Arquivo Distrital de Portalegre. CVSPELV/005, cx. 04, fls. 1-2. Cf. Nuno Cruz Grancho, p. 65.

²⁶ Google Earth. Elvas, Hotel Vila Galé Collection Hotel (38°52'49"N 7°10'01"W). Complexo do extinto Convento de Nossa Senhora do Remédios da Ordem de S. Paulo. (Consultado 2024-05-28).

²⁷ Arquivo Distrital de Portalegre – Cartório Notarial de Elvas. *Contrato de acabamento da igreja do Convento de S. Paulo na cidade de Elvas*. Escritura Pública. Elvas, 25 de março de 1721. 1º. Ofício, Caixa 047, liv. 0192, f. 30v-31. Escritura transcrita por: Fernando Correia Pina. *Fontes para o estudo da História da Arte no Distrito de Portalegre, séc. XVIII, concelho de Elvas*, p. 67.

²⁸ O mestre-de-obras de alvenaria Tomé da Silva, esteve ao serviço da câmara de Elvas, que serviu desde 1713; celebrou com outros companheiros, contratos com os padres da Companhia de

sendo necessário alargar o estudo sobre o percurso deste mestre no contexto das campanhas de encomendas realizadas na primeira metade do século XVIII naquela cidade. Sabe-se que era natural de Elvas onde vivia, casado com Maria Gomes, onde foram padroeiros de uma capela na igreja de S. Paulo, desde o ano 1735, tendo nomeado os religiosos do convento para administradores da referida capela e doado para sua manutenção a quantia de seiscentos mil réis em dinheiro e umas casas na Rua de Alcamim, posteriormente trocadas por outras na Rua Diogo Amado, conforme consta na escritura lavrada da dita capela, a 27 de julho de 1735²⁹.

Concluída a construção da igreja, em 31 de dezembro de 1721, foi consagrada pelo Bispo da diocese de Elvas D. João de Souza de Castelo Branco (1716-1728)³⁰. Da campanha de obras no interior e cobertura da igreja, segundo Nuno Grancho, devem ser atribuídas aos mestres Tomé da Silva e João Fernandes este último, natural de Borba³¹, tendo feito ambos parte da campanha de obras do colégio dos jesuítas. [Fig. 02]

Segundo a descrição nas Memórias Paroquiais da Sé, de 30 de maio de 1758, a construção da arcada marmórea da fachada principal da igreja integrada no convento de Nossa Senhora dos Remédios, foi iniciada 1738, sobre a qual se desenvolveu o coro-alto e outros elementos da arquitectura e do ornato de produção em mármore: «*bella architectura de hua nave e três portas sobre que fica o coro, que se estende sobre a magnifica alpendroadada de cantaria que no anno de 1738 se fez diante da igreja; a qual tem muitas tribunas e janelas que a fazem clara e alegre, e nove capellas: a maior em q stão as imagens de N.ª S.ª dos Remédios seu orago;*

Jesus “Jesuítas”, para as obras de construção do seu colégio e igreja; esteve envolvido na reforma do convento e igreja dos religiosos de S. Domingos; aceitou com os companheiros Gaspar Rodrigues pedreiro, morador na vila de Borba, Caetano Martins oficial do mesmo ofício morador em Vila Viçosa e o alvenú João Fernandes de Elvas um contrato por escritura com os irmãos das Chagas de Jesus, para a construção do arco capela da sua confraria, ereta na Igreja da Sé (atual igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção). Cf. Victorino d’Almada. *Elementos para um dicionário de geographia e historia portugueza: concelho d’Elvas e extinctos de Barbacena, Villa-Boim e Villa Fernando – Apontamentos Documentos Século XVIII – Maço 14. Anos 1701 a 1750*. Cf. Sousa Viterbo. *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, (2.ª ed.), 1988, pp. 37-38.

²⁹ Cf. Nuno Cruz Grancho, *idem*, p. 72.

³⁰ Diocese foi criada em 9 de junho de 1570 pela bula *Super cunctas* do Papa Pio V que desvinculou da diocese de Ceuta, com jurisdição eclesiástica nas localidades de Olivença, Campo Maior e Ouguela e, da diocese de Évora, Elvas, Juromenha, Alandroal, Veiros, Monforte, Barbacena, Vila Fernando, Vila Boim, Fronteira, Cabeço de Vide, Alter Pedroso, Alter do Chão e Seda. Foi suprimida em 30 de setembro de 1881, tendo o seu território sido integrado na Arquidiocese de Évora, com exceção das freguesias de Cabeço de Vide e Degolados, incorporadas à diocese de Portalegre. Cf. Almeida, Fortunato de e Damião Peres (direc.). *História da Igreja em Portugal*. Vol. 4.º Porto: Portucalense Editora, 1967-71, pp. 181-189; cf. José Manuel Pasadas Figueira Pimenta. «Diocese de Elvas (1570-1636). Criação, Organização e Recepção Tridentina». Dissertação de mestrado, (1.º grau canónico). Faculdade de Teologia. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014.

³¹ O mestre alvanú João Fernandes ou João Fernandes Cordeiro, esteve ativo com encomendas em Borba e Elvas desde os finais do século XVII.

e São Paulo primeiro eremita. Nella tem seu jazigo d. António de Mattos de Noronha 2.º Bispo d'esta cidade que era padroeiro do Convento demolido de onde lhe transladarão os ossos para esta capella. Deixou-lhe duas Missas quotidianas para as quais o administrador do morgado, que o mesmo Bispo instituiu paga 80\$000 Reis Cada anno. No cruzeiro sta a capella do sanctissimo e defronte a do Senhor dos Aflitos com sua irmandade, n'esta tem seu jazigo Joseph de Mello de Lacerda seu padroeiro. No corpo da igreja da parte do evangelho a capela de N.ª S.ª do Carmo imagem de muita devoção n'esta cidade, mui bem ornada, com sua irmandade mui bem assistida. Há mais do mesmo lado a capella do Senhor dos dezemparedos, e a de Sancto António. No lado da Epístola a Capella de Sancta Rita mui bem ornada, e tem irmandade bem assistida. A capella de São Jorge, que hé dos militares d'esta provincia, por darem para a sua factura no ano de 1703 a quantia de 250\$000 reis juntos das partes a que cada hum pertencia nas prezas feitas na guerra. Na Capella em hum mármore sta o letreiro seguinte – Esta capella he dos militares d'esta provincia e nella se diz hua missa cada mez por sua alma 1704 – A ultima capela he de Sancto André em q se venera a imagem do mesmo sancto»³². [Fig. 03]

O complexo arquitectónico do antigo convento terá sido estabelecido de planta irregular, com edificação de construções em vários períodos da sua existência. A Igreja do convento com planta rectangular de nave única, transepto e capela-mor de menor largura e espaço da clausura, desenvolvido à direita da igreja e à volta do claustro, disposto em eixo com a igreja. [Fig. 04]. A fachada principal virada a Nordeste, rebocada e caiada de branco, com soco em cantaria de mármore em disposição simétrica, dividida por três panos, separados por pilastras em dois registos, divididos por um duplo friso e cornija, com remate em empena reta, de friso, cornija e platibanda plena de cantaria marmórea. No primeiro registo abria-se o portal em arco de volta perfeita sobre pilastras, de chave sobressaída, entre dois portais, mais baixos, com moldura em arco, encimados por óculos elípticos recortados. No segundo registo, abre-se, no pano central três janelas de varandim, a do meio em arco recortado, com dupla moldura, terminada em cornija contracurva e pináculo, e as laterais de verga abatida, encimada por pequeno espaldar e cornija angular, todos com guarda em balaustrada de cantaria marmórea, encimada por óculos recortados. Nos panos laterais, abre-se de verga abatida, encimada por óculo de igual modinatura, e, no segundo registo, janela de varandim de ângulos recortados, e óculo facetado³³.

Sobre a autoria do projeto e dos respectivos riscos, não é conhecido o nome do arquitecto, uma vez que a obra esteve sob o controlo do comando da Divisão de Artilharia da Província do Alentejo de João Furtado de Mendonça e de Francisco Torres³⁴. [Fig. 06]

³² Arquivo Nacional Torre do Tombo. Memórias Paroquiais da Sé de Elvas, vol. 13, n.º (E) 14, p. 71 a 106.

³³ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14243

³⁴ Cf. Nuno Cruz Grancho, *idem*, p. 72.

– A presença dos mármore na arquitectura conventual: campanhas de obras setecentistas

A unicidade das casas das comunidades dos religiosos da Serra D'Ossa, baseava-se na mensagem simbólica, com um sentido evangelizador, que a arte religiosa comporta através da manifestação artística e iconográfica, na pintura, no azulejo, na talha e também na clara evidência do ornato pela utilização dos mármore. O espaço conventual comportava uma iconografia incorporando os mármore, percorrendo-o como um todo: na igreja, capelas, sacristia e sala do capítulo, mas também no claustro, nos corredores dos dormitórios de acesso às celas, refeitório e noutras dependências da comunidade, como ocorreu no caso do Convento de Elvas.

Podemos apontar algumas considerações para a intensificação do uso do mármore na arquitectura e escultura na região do Alentejo: o conhecimento de uma reserva natural que manifestava grande valor policromático, (amplamente conhecido e utilizado desde o século XIII); a proximidade das pedreiras de Vila Viçosa, Borba ou Estremoz, onde o Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros detinha propriedades suas e arrendadas com esse nobre recurso natural, facilitando por essa via o seu negócio; a circulação do conhecimento do que vinha a ser produzido em Roma e nos principais centros artísticos do Sul da Europa, recorrendo à utilização de rochas ornamentais; a permanência de mestres canteiros com os seus telheiros oficinais, conhecedores do território e do recurso, dotados de competência artística; a disponibilidade dos mecenas e encomendadores, investindo nas artes ao serviço das diversas comunidades e finalmente o período histórico que se viveu, com a acalmia de conflitos com os vizinhos castelhanos, libertando dessa preocupação nas várias dimensões. Tudo isto poderá ter determinado a escolha do “nobre” mármore na arquitectura, como na escultura ou ornato entre a comunidade ao longo do século XVIII.

Daí vamos verificar na primeira metade do século XVIII, um conjunto de encomendas destinadas à transformação do espaço ou na reforma dos edifícios da Ordem de S. Paulo. Essa evidência no caso dos mármore é comprovada nas diversas casas de proximidade à casa-mãe da Serra D'Ossa³⁵. Segundo Vítor Serrão, as pedreiras de mármore da região de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, aliadas às circunstâncias naturais ajudaram a fixar um mecenato consciente dessa mais-valia e uma escola de artistas com técnica e competência para a usar³⁶.

³⁵ Carlos Filipe, e João Pires Lopes. «A Arquitectura dos Mármore nos Conventos Paulistas. O convento de Nossa Senhora do Amparo em Vila Viçosa». Vila Viçosa: *Callipole – Revista de Cultura*, 2022, pp. 281-316. Carlos Filipe e João Pires Lopes. «A Arquitectura dos Mármore nos Conventos Paulistas. O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros». Vila Viçosa: *Callipole – Revista de Cultura*, 2023, pp. 303-328.

³⁶ Vítor Serrão. «Testemunhos da “nobre arte do mármore” na arquitectura e na escultura maneirista alentejana (séculos XVI-XVII): três casos de estudo. *Mármore 2 000 anos de História. Volume I. Da Antiguidade à Idade Moderna*. Lisboa / Vila Viçosa: Theya Editores, 2019, pp. 173-196. Cf. Luís Aires-Barros. *As Rochas dos Monumentos Portugueses – Tipologias e Patologias*. (2 vols.) Cadernos, II série, 3. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2001.

Entre os elementos das artes encontramos uma notável representação artística em mármore policromos, que fizeram parte integrante da arquitectura religiosa da Época Moderna. Destacamos os retábulos setecentistas e oitocentistas, pela qualidade e dimensão estética que hoje ainda se podem observar com forte impacto visual. Outros elementos funcionais como os púlpitos, onde se pregava a doutrina, vão conhecer a partir dos primeiros modelos da Época Moderna uma evolução no seu estilo, de acordo com as normas do Concílio de Trento (1545-1563), bem como outros elementos, ligados simbolicamente à purificação: lavabos de sacristia, pia baptismal e de água benta, e também as balaustradas do coro, as teias ou cancelos, dividindo o espaço das capelas ou no espaço do transepto. A utilização dos mármore nos sarcófagos e tampas sepulcrais e na escultura das imagens devocionais ou de representação eclesiástica, todos eram produzidas de acordo com padrões estéticos estabelecidos entre o encomendador e o mestre escolhido, artista de cantaria³⁷. Sobre o caso em estudo nos ilumina a importância das escolhas artísticas, quer na escolha dos materiais marmóreos, quer na escolha dos mestres de cantaria, que asseguraram a qualidade final das encomendas. [Figs. 07, 08, 09, 10]

O volume de encomendas de mármore utilizados, no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas, teve enorme impacto no seu emprego, difícil de quantificar, embora hoje, seja possível identificar, na igreja, no claustro, na escadaria de acesso ao piso nobre e tantos elementos estruturais da sua arquitectura. A extinção da comunidade levou ao abandono ou à entrega para outro fim aquele património, e como consequência de lá foram retirados muitos elementos marmóreos que viriam a ser levados e utilizados para outros fins. [Fig. 11]. Na sentença de 11 de março de 1886, foi ordenado que se retirasse os objectos da igreja, notificação recebida por officio do Ministério da Justiça de Julho de 1887 transferido para algumas igrejas paroquiais da cidade e também na entrega ao Museu Arqueológico Municipal, dos quais se destacava: «*Pias d'agua benta. Entablamentos, ornatos de cantaria e madeiras das capellas, em especial da de N.º Christo, Santa Rita e Senhora do Carmo, propriedade da confraria que alli estava erecta. Púlpitos; balaústres do coro, e arvellos da capela mor; Lavatório; Pedra de Jazigo dos Bispos e mais lapides que tenham inscripções pera o museu archeologico, na Biblioteca municipal*»³⁸.

Sobre a participação ou encomendas entregues ao mestre-de-obras José Francisco de Abreu, não dispomos de qualquer fonte que possa envolver aquele artista canteiro em qualquer campanha realizada para a comunidade paulista, conforme sugere o historiador Miguel Vallecillo Teodoro³⁹.

³⁷ Carlos Filipe, Maria João Pereira Coutinho, e Patrícia Alexandra Rodrigues Monteiro. «O apogeu do mármore no Alto Alentejo: equipamentos da arquitectura religiosa no século XVIII». *Mármore 2 000 anos de História. Contributo dos mármore do Alentejo para afirmação das artes*, (vol. III). Coimbra: Edições Almedina, 2022, pp. 325–382.

³⁸ Jornal *O Elvense*, ano 7, 1887. Cf. Nuno Cruz Grancho, *idem*, p. 71.

³⁹ Miguel Ángel Valleccillo Teodoro. «El arquitecto elvense José Francisco de Abreu. Su aportación a la arquitectura y escultura alentejana del XVIII». *Revista Cultural de Portalegre, A Cidade*. Portalegre: Câmara Municipal, 1998, pp. 213-217.

A arquitectura dos mármore nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo

Pelos documentos transcritos, foi possível identificar alguns dados com bastante interesse para a história daquele complexo conventual, sobre a aplicação dos mármore e mestres envolvidos, para isso, devemos um reconhecimento a Fernando Pina, pela transcrição paleográfica dos contratos notariais através de um laborioso contributo⁴⁰.

Doc. 1

«frei António da Conceição seu secretário e pregador e Tomé da Silva mestre das obras de alvenaria morador nesta cidade pessoas que eu tabelião conheço e dou fê serem as próprias aqui contidas e logo pelo dito reverendíssimo padre geral e padre secretário foi dito em minha presença e das testemunhas ao diante nomeadas e assinadas que ele estava contratado com o dito Tomé da Silva para efeito do mesmo acabar a igreja do dito convento de empreitada em preço de um conto duzentos e oitenta mil réis e os materiais todos que se acham naquele convento dedicados para a dita obra sem se lhe descontarem com obrigação de que o dito mestre empreiteiro a dará a dita obra digo a dará acabada até fim de dezembro deste presente ano de setecentos e vinte e um e à conta do preço ajustado lhe dão logo quarenta moedas de ouro e o mais resto lhe pagarão em iguais partes de dois em dois meses para assim poder continuar a dita obra sem lhe levantar mão cuja obra contém o seguinte será obrigado a guarnecer toda a igreja e estucá-la de cal branca inclusas todas as tribunas assim a principal como as particulares e assim porá as pedrarias pretas que forem necessárias para as quatro colunas ou pilares e a pedraria branca será por conta dos padres do dito convento e fará os altares ladrilhará o cruzeiro e o mais que restar dos estrados de ladrilho de rasoira, assentará presbitérios, escadas e púlpitos se se fizerem, como também as grades do passadiço; e fará os remates que pe |→f.31| que pedirem as tribunas, e guarnecerá a sacristia e a ladrilhará com a via sacra de ladrilho de rasoira e a caiará, e assentará o lavatório e pias, fará a sacristia da serventia da tribuna com sua escada telhada como também a tribuna principal exceto as madeiras da dita sacristia e do francês da tribuna que serão por conta dos ditos padres; e fará o lanço da varanda sobre que se há de assentar a tribuna com quatro postes na forma dos que já estão feitos com quatro arcos e quatro barrotes ladrilhará por cima e para cima dos ladrilhados um corrimão da altura da outra varanda e fará um seguinte de alvenaria no último pilar até altura dos capitéis do mesmo pilar para lhe servir de repuxo»⁴¹.

Doc. 2

«frei Luís da Anunciada estava o mesmo presente e bem assim Manuel Rodrigues Caramona morador nesta cidade pessoas que conheço serem os próprios aqui declarados e bem assim estava presente Manuel Antunes morador na vila de Estremoz e ora estando nesta cidade pessoa conhecida das testemunhas ao diante assinadas e logo pelo dito Manuel Antunes foi dito em presença de mim tabelião e ditas testemunhas que ele estava ajustado com o reverendíssimo padre geral a lhe pôr

⁴⁰ Fernando Correia Pina. «Fontes para o estudo da História da Arte. Distrito de Portalegre, séc. XVIII. Contratos de obras para o concelho Elvas», s/d.

⁴¹ Arquivo Distrital de Portalegre. Cartório Notarial de Elvas, 1.º Ofício, Caixa 047, liv. 0192, fls. 30v-31. Escritura pública de Contrato de acabamento da igreja do Convento de S. Paulo de Elvas, datada de 21 de março de 1721.

pronta nesta cidade toda a pedraria que for necessária para o alpendre e coro que o dito reverendíssimo padre geral intenta fazer no dito convento que vem a ser quatro pés direitos com seus arcos para o alpendre do coro e degraus para eles |→f.71| eles e o lajedo que for necessário para o lajeamento e três janelas ou as que forem necessárias para a luz do coro com o feitio mais ligeiro que se puder acomodar, e assim mais toda a pedraria branca de Estremoz que for necessária para a dita obra por preço de cento e sessenta réis por cada um palmo do lavrado da dita pedra posta nesta cidade ao pé da dita obra por conta e risco dele dito Manuel Antunes cuja pedra se obriga pôr toda pronta até meado do mês de janeiro digo de março de mil e setecentos e trinta e oito com condição de que toda a pedraria há de ser toda escodada o que tudo se obriga cumprir muito pontualmente sem a isso pôr dúvida»⁴².

Doc. 3

«presente o reverendíssimo padre mestre e geral da dita ordem frei Manuel de Santa Rosa bem assim estavam presentes Jacinto Fernandes e António Gomes mestres pedreiros assistentes nesta cidade pessoas que disse o reverendíssimo padre mestre e geral eram os próprios e logo por ele foi dito que estava ajustado e contratado com os sobreditos para o efeito de fazerem toda a obra do dormitório de pedraria que lhe for precisa e necessária pelos preços e forma seguinte a pedraria dos cunhais e dos postes do claustro a cem réis cada palmo e os travessões se pagarão por côvados que é a cinquenta réis cada palmo e os dois leitos se medirão e a mais pedraria de forros e lajedo do cano e toda a mais que for precisa pelo preço de noventa e cinco réis cada palmo e com estas cláusulas condições e obrigações e as mais expressadas na primeira escritura que o dito Jacinto Fernandes havia feito disse o dito reverendo padre mestre lhe havia a dita obra por arrematada e se obrigava fazer-lha boa segura e de paz durante o tempo dela como são obrigados na primeira escritura sob obrigação dos bens e rendas da ordem e logo pelos ditos mestres Jacinto Fernandes e António Gomes foi dito em minha presença e das testemunhas que eles tomavam e aceitavam a dita obra das mãos do dito reverendo padre mestre e geral pelo dito preço e se obrigavam fazer a dita obra dentro do tempo declarado na primeira escrituras»⁴³

Doc. 4

«padre mestre frei Manuel de Santa Rosa qualificador do Santo [Ofício] lente jubilado, e geral da sagrada religião do senhor São Paulo, e bem assim assim (sic) se achavam também presentes Jacinto Fernandes e seus companheiros João da Costa morador da vila de Borba por si e em nome de sua mulher Isabel da Conceição como seu procurador como constou da procuração que no fim desta nota irá

⁴² Arquivo Distrital de Portalegre. Cartório Notarial de Elvas, 3.º Ofício, liv. 0115, fls. 70v-71. Escritura pública de contrato e obrigação que fez Manuel Antunes, morador na vila de Estremoz com o reverendíssimo padre Frei Luís da Anunciada, Geral da Ordem de São Paulo., datada de 12 de novembro de 1737.

⁴³ Arquivo Distrital de Portalegre. Cartório Notarial de Elvas, 2.º Ofício, Caixa 074, liv. 0042, fls. 42-42v. Escritura pública de obrigação que fez Jacinto Fernandes e António Gomes ao reverendíssimo padre mestre Geral da Ordem de São Paulo frei Manuel de Santa Rosa, datado de 10 de dezembro de 1746.

A arquitectura dos mármore nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo

lançada e o dito Jacinto Fernandes por si e em nome de sua mulher Leonor Gonçalves moradores desta cidade cuja outorga será tomada no fim desta escritura e Bernardo de Sousa morador na vila de Borba mestres pedreiros pessoas que eu tabelião conheço e dou fê serem as próprias aqui contidas e logo pelo dito muito reverendíssimo padre geral frei Manuel de Santa Rosa foi dito em minha presença e das testemunhas ao diante nomeadas e assinadas que ele se achava ajustado e contratado com os sobreditos mestres pedreiros para efeito continuarem no convento do senhor São Paulo desta dita cidade nos claustros do mesmo convento a obra seguinte: Primeiramente os pilares que se hão de fazer para a dita obra, serão de cinco palmos e meio de alto, e o feitio será como o risco, muito bem brunidos, e cimalha será brunida também, e o feitio conforme o risco, e será medido tudo o que tiver lavrado, e terá de largura três palmos, e quarto; o guarda-chapim terá de largo palmo e meio, e três quartos de alto, as gárgulas hão de ser também brunidas, e terão de comprimento cinco palmos e meio, e três e meio para fora, e dois para dentro, toda esta pedraria há de ser brunida, e se pagará por preço de cento, e trinta réis cada palmo as lajes serão lavradas com picola com as suas juntas bem feitas de tal sorte que se não ficarem bem ajustadas se não assentarão, e pagar-se-á o palmo a cinquenta e sete réis e meio; toda esta pedraria há de estar acabada até vinte de abril do ano de mil setecentos e quarenta e nove de tal sorte que se se não acabarem até o tempo mencionado se não pagarão as lajes que tiverem feitas senão a meio tostão e a mais pedraria a tostão»⁴⁴.

4. Extinção com novas experiências de um património paulista transformado

Com a extinção do convento em 1834, novas atribuições ao seu património lhe foram entregues, embora continuando a igreja a servir ao culto. O subprefeito interno da Comarca, Manuel Rodrigues Silvano, a 20 de maio de 1835, dá conhecimento à Mesa da Misericórdia de Elvas, ter apresentado à Coroa uma proposta de transferência do hospital do edifício onde estava instalado, para o extinto Convento de S. Paulo, dando assim melhores condições aos doentes. A portaria da 3.^a Repartição do Ministério do Reino autoriza a mudança do hospital para o convento a 20 de julho de 1836, devendo em troca o edifício do hospital da Misericórdia ser entregue à Fazenda Nacional, livre dos encargos que tivesse. No entanto o negócio nunca viria a ser realizado. Por requerimento do provedor da Misericórdia datado de 1 de abril de 1838, dirigido ao Administrador do Concelho de Elvas, viria a ser entregue a título de depósito ou empréstimo.

O espaço viria a ter ao longo dos séculos XIX e XX, variadas utilizações, desde espaço de circo, teatro, albergando regimentos e tropas inglesas, tendo sido instalada a primeira estação de telégrafo elétrico, sede da Sociedade Assembleia Elvense, Tribunal Militar e outros fins ao serviço do exército.

⁴⁴ Arquivo Distrital de Portalegre. Cartório Notarial de Elvas, 1.º Ofício, Caixa 052, liv. 0222, fls. 119v 121. Escritura pública de contrato entre partes o reverendíssimo padre Geral de São Paulo, e Jacinto Fernandes e seus companheiros João da Costa e Bernardo de Sousa, datado de 17 de agosto de 1748.

Durante uma tempestade de trovoada ocorrida em 25 de março de 1862, um raio atinge a cobertura da igreja, aumentando os danos que já se faziam sentir pelo abandono em que se encontrava aquele espaço. Para maior declínio, as obras administradas pelo engenheiro militar Tomás de Aquino de Sousa, que o levaram a demolir uma parede mestra, viriam a deixar o edifício com graves problemas de estabilidade.

A mesa da Santa Casa da Misericórdia de Elvas, voltaria e reclamar pelo edifício do extinto convento paulista, suplicando ao rei D. Carlos a concessão daquele espaço, conforme consta no documento em anexo à ata da mesa administrativa da reunião de 5 de janeiro de 1894, subscrita por proposta do provedor José Nunes da Silva Sobrinho, e que aqui deixamos em memória pelo seu valor histórico:

Petição da Mesa Administrativa da Misericórdia dirigida ao rei D. Carlos I
Pedido de concessão do edifício do extinto Convento de S. Paulo

Senhor!

A meza administrativa da Santa Casa da Misericórdia da cidade d'Elvas, confiada na muito maternal benevolência, pelo coração magnanimo de Vossa Magestade sempre dispensada a todos os que lhe supplicam em nome dos indigentes e dos que soffrem, ousa vir depôr junto aos pés do throno de Vossa Magestade a seguinte exposição:

Senhor!

O hospital dêsta Santa Casa acha-se de ha muito installado n'um edificio de acanhadas dimensões para o numero de doentes que tem de comportar (sendo a sua media annual de 1200 a 1300), sem as condições hygienicas exigidas em estabelecimentos d'aquella natureza, sem as enfermarias necessarias para o movimento ordinário quanto mais para o isolamento dos indivíduos atacados de moléstias infecciosas, sem um terraço ou cerca para passeio dos convalescentes,

sem uma casa apropriada para os banhos geraes ou parciais dos seus enfermos, sem uma sala adequada para as operações cirúrgicas, e o que é ainda peor – esse edificio está situado no centro da cidade, na parte onde a população é mais condensada e o movimento maior, resultando d'esta circumstancia evidentes perigoz, em epocas de epidemias para os habitantes d'Elvas.

Ao passo que isto succede, existe deshabitado já ha annos, exposto à acção devastadora do tempo, desmoronando-se dia a dia por falta das necessarias reparações, inútil no presente – por não se lhe dar applicação – e inútil no futuro – se assim continuar desaproveitado –, porque em curto espaço de tempo estará completamente em ruinas, um edificio em condições diametralmente oppostas, áquellas em que se encontra o que ora serve de hospital pois não só possui a vastidão precisa para remediar os defeitoz que naquelle se apontam, mas tambem fica colocado n'um dos extremos da cidade, em ponto elevado, longe dos centros populosos, em sitio onde o bulício e movimento da população quasi não chegam, accrescendo ainda a circumstância de estar situado próximo d'uma das portas da cidade e d'aquella que fica fronteira do cemiterio publico, tomando-se por esse facto de mais facil acesso a remoção dos cadaveres.

É esse edificio o extinto Convento de São Paulo, que já nos começos do anno de 1835 foi concedido a esta Santa Casa, pelo Governo da Augusta Avó de Vossa

A arquitectura dos mármore nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo

Magestade, da Senhora Dona Maria Segunda, de mui saudosa memoria, para nelle se instalar o hospital; concessão esta que naquella época não pôde ser aproveitada, pelas precarias circunstancias em que se encontrava então este estabelecimento de beneficencia, pelo que o referido edificio foi mais tarde entregue ao ministerio da guerra, servindo de aquartelamento a um dos corpos da guarnição até aos fins do anno de 1888, epoca em que mandou a sua sede, dêsta praça para a de Abrantes, o regimento de caçadores numero oito.

Sendo, pois, em vista os altos benefícios que a transferência do hospital para o edificio do extinto Convento de São Paulo traria para os infelizes, que as vicissitudes da vida obrigam a vir receber os socorros da caridade; Considerando que esse edificio é hoje desnecessario ao Ministério da Guerra, que d'elle se não utiliza ja ha annos para aquartelamento; e considerando ainda que a esta Santa Casa, e para o fim indicado, ja este fôra concedido em 1835, a meza administrativa da Santa Casa da Misericordia da cidade d'Elvas, vem mui humildemente e respeitosamente Pedir a Vossa Magestade que, pela competente secretaria de estado, seja concedido à supplicante o edificio do extinto Convento de S. Paulo da cidade d'Elvas, com todas as suas dependências para nelle ser installado o hospital da mesma Santa Casa⁴⁵.

O extinto Convento de S. Paulo, depois de ter conhecido várias utilizações desde o século XIX até ao presente século, viria a conhecer a 29 de julho de 2016 um concurso público para a reabilitação do edificio e do seu espaço envolvente. A 3 de agosto do mesmo ano é assinado um protocolo de colaboração entre a Câmara Municipal de Elvas, a Direção Geral do Património Cultural, a Direção Regional de Cultura do Alentejo e o Turismo de Portugal, I.P., com vista à concretização do projeto de reabilitação do convento no âmbito do Programa REVIVE. A 21 de outubro, dois dias após a deflagração de um violento incêndio nas instalações do antigo Tribunal Militar de Elvas, foi assinado um contrato com a empresa Vila Galé – Sociedade de Empreendimentos Turísticos, S.A. para a reabilitação do convento e exploração de uma unidade hoteleira de quatro estrelas. Em junho de 2019, após obras de reabilitação é inaugurada a atual unidade hoteleira: *Vila Galé Collection Elvas – Historic Hotel, Conference & Spa*⁴⁶. [Fig. 12, 13, 14, 15, 16]

Notas finais

Como podemos observar, foram profundas as transformações na arquitetura realizadas no extinto convento de S. Paulo, até chegar à atual ocupação do espaço hoteleiro, perdendo-se irremediavelmente elementos da sua origem.

⁴⁵ SCME – Livro de Actas da Mesa Administrativa. *Sala do consistório da Santa Casa da Misericordia d'Elvas, 5 de Janeiro de 1894. O provedor: José Nunes da Silva Sobrinho.* Cf. Carlos Filipe. *A Misericórdia de Elvas: Memórias do Século XX.* Elvas: Santa Casa da Misericórdia e Regi7, 2016, pp. 493-494.

⁴⁶ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14243

Como atrás ficou descrito, importantes equipamentos e elementos de ornato foram retirados para servirem outros lugares ao serviço da igreja ou da museologia da cidade. Não cabendo neste artigo, consideramos ser necessário a realização de um levantamento sistematizado para que se possam ter um conhecimento lacto da dimensão e qualidade dos elementos produzidos em mármore, procurando produzir um inventário dos lugares onde foram depositados.

Intervir em património histórico construído, implica respeitar o conjunto das pré-existências, através do conhecimento crítico de análise, utilizando metodologias específicas, que respeitem os modelos construtivos, os materiais aplicados e a envolvente do espaço. Para isso, o diálogo é fundamental com os diversos agentes, sem perder o controlo tecnológico dos novos sistemas de construção modernos que possam vir a por em causa todo um projeto de preservação e reabilitação do edificado.

Com este artigo completamos a terceira etapa, sobre conventos provindos da Ordem de S. Paulo dos eremitas da Serra D'Ossa, com a convicção que estamos a reunir, um conjunto de informação relevante, sobre a presença de encomendas de mármore, utilizados na sua arquitectura conventual e que nos levará a um estudo, mais alargado, sobre encomendas, desenhos e mestres envolvidos para cada uma das empreitadas realizadas.

Fontes documentais e Bibliografia

Fontes Documentais

- Arquivo Distrital de Portalegre. *Convento de São Paulo de Elvas*. Caixas I a VII
- Arquivo Distrital de Portalegre. *Promptuario das Capelas e fazendas do Convento de N. Sr.ª dos Remédios da Ordem de S. Paulo da Cidade de Elvas*, 1792.
- Arquivo Distrital de Portalegre. CVSPELV/005, cx. 04, fls. 1-2.
- Arquivo Distrital de Portalegre. CVSPELV, cx. 11 / Tombo n.º 23, fls. 47-48.
- Arquivo Distrital de Portalegre. Cartório Notarial de Elvas. 1.º Ofício, Caixa 047, liv. 0192, fls. 30v-31.
- Arquivo Distrital de Portalegre. Cartório Notarial de Elvas, 1.º Ofício, Caixa 052, liv. 0222, fls. 119v-121.
- Arquivo Distrital de Portalegre. Cartório Notarial de Elvas, 2.º Ofício, Caixa 074, liv. 0042, fls. 42-42v.
- Arquivo Distrital de Portalegre. Cartório Notarial de Elvas, 3.º Ofício, liv. 0115, fls. 70v-71.
- Arquivo Nacional Torre do Tombo. *Memórias Paroquiais da Sé de Elvas*, vol. 13, n.º (E) 14, p. 71 a 106.
- D'Almada, Victorino. *Elementos para um dicionário de geographia e historia portugueza: concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa-Boim e Villa Fernando – Apontamentos Documentos Século XVIII – Maço 14. Anos 1701 a 1750.*

A arquitectura dos mármore nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo

Fontes Impressas

- Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, DGFP/RP/PTG/ELV/CONVF/001.
Convento de Nossa Senhora dos Remédios da Ordem de S. Paulo de Elvas
Santo António, Fr. Henrique de e Francisco Silva. *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa*.
(Vol. 1). Lisboa: Officina de Francisco da Sylva, 1745.
Santo António, Fr. Henrique de e Francisco Silva. *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa*.
(Vol. 2). Lisboa: Officina de Francisco da Silva, 1752.

Bibliografia

- Aires-Barros, Luís. *As Rochas dos Monumentos Portugueses – Tipologias e Patologias*. (2 vols.) Cadernos, II série, 3. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2001.
- Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Tomo II. Coimbra: Imprensa Académica, 1910.
- Almeida, Fortunato de e Damião Peres (direc.). *História da Igreja em Portugal*. Vol. 4.º Porto: Portucalense Editora, 1967-71, pp. 181-189.
- Cabeças, Mário Alexandre Zacarias. «A transfiguração barroca de um espaço arquitectónico: a obra setecentista na Sé de Elvas». Dissertação de Mestrado apresentada em História da Arte. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011. <http://hdl.handle.net/10451/6789>.
- Dentinho, Céu Cavalheiro Ponce, e Henrique Barrilaro Ruas. *Elvas: monografia*. Elvas: Câmara Municipal de Elvas, 1989.
- Filipe, Carlos. *A Misericórdia de Elvas: Memórias do Século XX*. Elvas: Santa Casa da Misericórdia e Regi7, 2016.
- Filipe, Carlos, e João Pires Lopes. «A Arquitetura dos Mármore nos Conventos Paulistas. O convento de Nossa Senhora do Amparo em Vila Viçosa». *Callipole – Revista de Cultura*. Vila Viçosa: Câmara Municipal, 2022, pp. 281-316.
- Filipe, Carlos, Maria João Pereira Coutinho, e Patrícia Monteiro. «O apogeu do mármore no Alto Alentejo: equipamentos da arquitetura religiosa no século XVIII». In *Mármore 2 000 anos de História. Contributo dos mármore do Alentejo para afirmação das artes*, (vol. III). Coimbra: Edições Almedina, 2022, pp. 325–382.
- Filipe, Carlos, e João Pires Lopes. «A Arquitetura dos Mármore nos Conventos Paulistas. O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros». *Callipole – Revista de Cultura*. Vila Viçosa: Câmara Municipal, 2023, pp. 303-328.
- Grancho, Nuno Cruz. «O convento de Nossa Senhora dos Remédios, da Ordem de S. Paulo em Elvas: diálogos fragmentados». *Elvas-Caia. Revista internacional de Cultura e Ciência*, 2009, pp. 61-86.
- Grancho, Nuno Alexandre Cruz Santos. «A extinção dos conventos na antiga diocese elvense: o exemplo histórico-artístico de S. Domingos de Elvas». Dissertação mestrado Arte, Património e Teoria do Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011. <http://hdl.handle.net/10451/4577>.

- Keil, Luís. *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre*. Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes, 1943.
- Monteiro, Patrícia; Maria João Pereira Coutinho e Carlos Filipe. «Das virtudes da pedra e cal. Teoria e Arte em Portugal entre os séculos XVII e XIX». In *El Arte de la Cantería Historia y Técnica*. Eduardo Azofra Agustín, Henrique Rabasa Díaz e Alexandra Gutiérrez Hernández (Edic.) Instituto Juan de Herrera, Ayuntamiento de VillaMayor, Salamanca, 2013-12, pp. 211-220.
- Pimenta, José Manuel Pasadas Figueira. «Diocese de Elvas (1570-1636). Criação, Organização e Recepção Tridentina». Dissertação de mestrado, (1.º grau canónico). Faculdade de Teologia. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014.
- Pina, Fernando Correia. «O Convento de São Paulo de Elvas. Breve notícia histórica». *Callipole – Revista de Cultura* n.º 2. Vila Viçosa: Câmara Municipal, 1994, pp. 51-54.
- Pina, Fernando Correia. «Fontes para o estudo da História da Arte. Distrito de Portalegre, séc. XVIII. Contratos de obras para o concelho Elvas», s/d.
https://www.academia.edu/107585983/FONTES_PARA_O_ESTUDO_DA_HIT%C3%93RIA_DA_ARTE_NO_DISTRITO_DE_PORTALEGRE.
- Pina, Fernando Correia. «Convento de S. Paulo de Elvas. Catálogo topográfico». *Convento de S. Paulo de Elvas. Catálogo topográfico*. Elvas: Arquivo Distrital de Portalegre, s/d.
<https://independent.academia.edu/FernandoPina>.
- Serrão, Vítor. «Testemunhos da “nobre arte do mármore” na arquitetura e na escultura maneirista alentejana (séculos XVI-XVII): três casos de estudo. Mármore 2 000 anos de História. Volume I. Da Antiguidade à Idade Moderna. Lisboa / Vila Viçosa: Theya Editores, 2019.
- Silva, Jorge Henrique Pais da. *História Comparada da Arte (Cronologia)*. Lisboa: Colibri, 2004.
- Teodoro, Miguel Ángel Valleccillo. «El arquitecto elvense José Francisco de Abreu. Su aportación a la arquitectura y escultura alentejana del XVIII». *Revista Cultural de Portalegre, A Cidade*. Portalegre: Câmara Municipal, 1998, pp. 213-217.
- Viterbo, Sousa. *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, (2.ª ed.), 1988, pp. 37-38.

Webgrafia

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14243

A arquitetura dos mármore nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo

Anexos



Figura 1 – Google Earth – (38°52'49"N 7°10'01"W). Elvas, Hotel Vila Galé Collection Hotel. Complexo do extinto Convento de Nossa Senhora dos Remédios da Ordem de S. Paulo. (Consultado 2024-05-28).



Figura 2 – Paula Noé. SIPA imagem: Igreja sem a cobertura parede lado Evangelho.

IPA.00014243 (2017).

https://www.facebook.com/photo/?fbid=173463949409885&set=a.173461569410123.40854.172212356201711&locale=pt_BR



Figura 3 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: Fachada da extinta Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (2013).



Figura 4 – Maria Luísa Cidrais.

Autor desconhecido: lado nascente (1947).

https://www.facebook.com/photo/?fbid=759223554167252&set=a.173461569410123.40854.172212356201711&locale=pt_BR



Figura 5 – Autor desconhecido: Convento vista do lado Noroeste, com a sua antiga Torre sineira da igreja. https://www.facebook.com/photo/?fbid=173463949409885&set=a.173461569410123.40854.172212356201711&locale=pt_BR



Figura 6 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: mármore, ornatos com elementos de cartela vegetalistas, torçal, escamas adossadas às ombreiras (2023).



Figura 7 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: mármore, emolduramento de porta do claustro com verga abatida e duplo frontão angular, bandeira recortado, nos laterais, ornatos com elementos de cartela vegetalistas, torçal, escamas adossadas às ombreiras (2023).



Figura 8 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: mármore, emolduramento com frontão interrompido, com ornatos vegetais e pináculo em fogaréu centralizado (2023).

A arquitectura dos mármorees nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo



Figura 9 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: mármore, emolduramento de porta com verga abatida e duplo frontão angular, bandeira recortado (2023).



Figura 10 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: mármore, cornija arquitravada e gárgula de despejo de águas pluviais (2023).



Figura 11 – Paula Noé. SIPA imagem: Igreja nave, vista para a parede testeira da capela-mor IPA.00014243 (2017).



Figura 12 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: espaço da antiga igreja e capelas laterais com molduras em mármore.

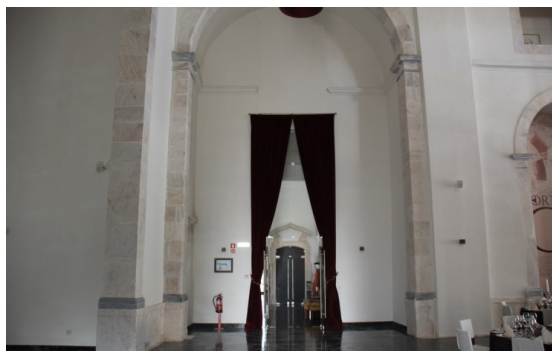


Figura 13 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: espaço da antiga igreja e acesso a antiga sacristia, molduras de mármore.



Figura 14 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: escadaria nobre com moldura e degraus de mármore para o acesso ao coro-alto e dormitórios.

A arquitectura dos mármore nos conventos paulistas. Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Elvas da Ordem de S. Paulo



Figura 15 – Carlos Filipe. CECHAP-PHIM: escadaria nobre de dois lanços, degraus de mármore para o acesso ao coro-alto e dormitórios.

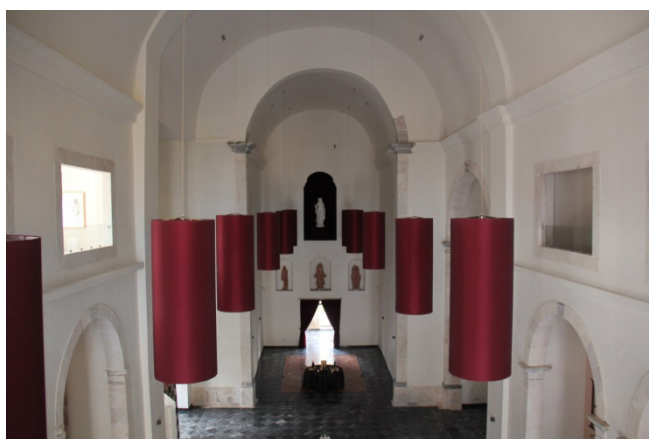


Figura 16 – CECHAP-PHIM: vista do coro-alto para o espaço da nave da antiga igreja, piso em quadradinhos de mármore ruivina escuro.